

[\[VERSÃO EM INGLÊS\]](#)DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i25.636>

***A CONSTRUÇÃO DA BIOGRAFIA DE UM ANTIRRACISTA:*** ciências sociais, autenticidade, internacionalismo e luta de memória na rica e complexa vida de Eduardo Mondlane<sup>1</sup>

***THE CONSTRUCTION OF THE BIOGRAPHY OF AN ANTI-RACIST:*** social sciences, authenticity, internationalism and memory struggle in the rich and complex life of Eduardo Mondlane

***LA CONSTRUCCIÓN DE LA BIOGRAFÍA DE UN ANTIRRACISTA:*** ciencias sociales, autenticidad, internacionalismo y lucha de memoria en la rica y compleja vida de Eduardo Mondlane

LIVIO SANSONE

Bolsista de Produtividade 1B do CNPQ

Doutor em Antropologia (Universidade de Amsterdã). Professor do Departamento de Antropologia (UFBA)  
Salvador-BA, Brasil

[liviosansone@yahoo.com](mailto:liviosansone@yahoo.com)

**Resumo:** Os conflitos e as contradições na biografia de Mondlane antecipam e dramatizam vários temas de debate de grande atualidade naquela que poderia ser chamada de luta pela e luta de memória em Moçambique, isto é, a releitura, desta vez a partir de vários e conflitivos pontos de vista, da história recente e dos regimes de memória que se estabeleceram. Em Moçambique, como em vários países africanos, estes regimes de memórias preveem a criação e manutenção do status de imortalidade para algumas figuras centrais na narrativa da nação. Mas estar na Cripta dos Heróis é importante, porém não suficiente. A reconstrução da biografia de Eduardo Mondlane e, sobretudo, da sua biografia intelectual, como na maioria das biografias, apresenta uma questão de agência: até que ponto sua vida determina seu contexto, ou é determinada pelo contexto. Qual é a atualidade de Eduardo Mondlane? Hoje esta pesquisa tem grande impacto não somente em Moçambique e nos outros países da África onde estão se dando estas lutas de memória, mas também nas próprias ciências sociais, onde há um renovado interesse pela interação entre formação em ciências sociais, luta anticolonial e construção de uma moderna e nova liderança política, digamos, pós-populista, na África contemporânea.

**Palavras-chave:** Eduardo Mondlane. Biografia. Antirracismo. Ciências Sociais. Memória.

**Abstract:** Conflicts and contradictions in Mondlane's biography anticipate and dramatize several topics of relevant debates in what could be called the struggle for and struggle of memory in Mozambique, that is, the re-reading, this time from various and conflicting points of view, of recent history and memory regimes that have been established. In Mozambique, as in several African countries, these regimes of memories foresee the creation and maintenance of the status of immortality for some central figures in the narrative of the nation. However, being in the Hero's Crypt is important, but not enough. The reconstruction of Eduardo Mondlane's biography and, above all, of his intellectual biography, as in most biographies, presents a question of agency: the extent to which his life determines its context, or is determined by the context. What is the current situation of Eduardo Mondlane? Today, this research has a great impact not only in Mozambique and in other African countries where these struggles are taking place, but also in the social sciences, where there is renewed interest in the interaction between training in the social sciences, anti-colonial struggle and the construction of a modern and new, say, post-populist political leadership in contemporary Africa.

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2017 e aprovado para publicação em junho de 2018.

**Keywords:** Eduardo Mondlane. Biography. Anti-racism. Social Sciences. Memory.

**Resumen:** Los conflictos y las contradicciones en la biografía de Mondlane anticipan y dramatizan varios temas de debate de gran actualidad en la que podría ser llamada de lucha por la y lucha de memoria en Mozambique, es decir, la relectura, esta vez a partir de varios y conflictivos puntos de vista, de la historia reciente y de los regímenes de memoria que se establecieron. En Mozambique, como en varios países africanos, estos regímenes de memorias prevén la creación y mantenimiento del status de inmortalidad para algunas figuras centrales en la narrativa de la nación. Pero estar en la Cripta de los Héroes es importante, mas no suficiente. La reconstrucción de la biografía de Eduardo Mondlane y, sobre todo, de su biografía intelectual, como en la mayoría de las biografías, presenta una cuestión de agencia: hasta qué punto su vida determina su contexto, o es determinada por el contexto. ¿Cuál es la actualidad de Eduardo Mondlane? Hoy esta investigación tiene gran impacto no sólo en Mozambique y en los otros países de África donde se están dando estas luchas de memoria, pero también en las propias ciencias sociales, donde hay un renovado interés por la interacción entre formación en ciencias sociales, lucha anticolonial y construcción de un moderno y nuevo liderazgo político, digamos, post-populista, en el África contemporánea.

**Palabras clave:** Eduardo Mondlane. Biografía. Antirracismo. Ciencias Sociales. Memoria.

Meu interesse por Eduardo Mondlane surgiu por um clássico caso de *serendipity*, quando me deparei com uma pasta sobre ele nos Meville Herskovits Papers na Northwestern University. Sabia quão importante tinha sido Mondlane para a história do Moçambique independente, mas não fazia ideia que ele tinha sido um dos alunos mais queridos de Herskovits e as famílias dos dois ficaram em contato durante décadas, criando e recriando uma complexa teia transnacional de contatos, afetos e interesses conjuntos. Havia toda uma serie de pontos de contatos entre a trajetória de Herskovits e de Mondlane. Minha pesquisa sobre Eduardo Chivambo Mondlane (1924-1969), doutor em Sócio Antropologia na Northwestern University, professor de antropologia na University of Syracuse e primeiro presidente da Frelimo (Frente de Liberação de Moçambique), especialmente os 12 anos que passou nos Estados Unidos, entre vida acadêmica, ativismo e a Nações Unidas, e os últimos anos da sua vida, entre 1964 e 1969, quando sua base foi Dar es Salaam na Tanzânia, evidencia quão intensa na biografia de um líder anticolonial e revolucionário, e na construção de seu original antirracismo, possa ser a influência das ideias próprias às ciências sociais em torno da questão racial, dos africanismos e da modernidade africana. Esta reconstrução de parte da biografia de Mondlane também joga luz sobre o desenvolvimento de um jovem protestante sedento de justiça social que se torna cientista social e depois líder da luta pela independência de Moçambique. A educação tradicional africana, a formação na missão Suíça, o mestrado e o doutoramento nos Estados Unidos e o emprego na Trustee Commission das Nações Unidas contribuem a enriquecer sua personalidade e torná-la tanto sedutora quanto

complexa. A pesquisa mais recente nos arquivos da Pide/DGS no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) em Lisboa, realizada em vários curtos períodos desde 2014, evidencia outras dimensões na vida de Mondlane. Esta foi dominada por uma forte tensão entre, por um lado, cosmopolitismo e rejeição de construções identitárias de cunho étnico-racial para fins de popularidade na *vox populi* e, por outro lado, a necessidade de, digamos assim, compensar este cosmopolitismo, de se mostrar “filho da terra”, autenticamente africano, expressão de uma nação Moçambicana ainda a ser criada, mas que precisava de ícones e modelos de sua nova nacionalidade. Mondlane pertenceu à geração dos ativistas quarentões cuja vida, se não tivesse sido interrompida impiedosamente e precocemente, poderia ter mudado o curso da história pós-colonial da África. Sua vida precisa ser interpretada em um contexto de uma década que viu o desaparecimento precoce também de Franz Fanon, Patrice Lumumba, EM e Amílcar Cabral. Todos eles eram tanto nacionalistas como cosmopolitas<sup>2</sup>.

Os conflitos e as contradições na biografia de Mondlane antecipam e dramatizam vários temas de debate de grande atualidade naquela que poderia ser chamada de luta pela/de memória em Moçambique – a releitura, desta vez a partir de vários e conflitivos pontos de vista, da história recente e dos regimes de memória que se estabeleceram. Em Moçambique, como em vários países africanos, estes regimes de memórias preveem a criação e manutenção do status de imortalidade para algumas figuras centrais na narrativa da nação. Neste processo de patrimonialização dos imortais as questões centrais são: quem são estes, quantos imortais eles são, a partir de quando (que parte da vida destas pessoas é apropriada pela nação) e até quando (há vários imortais que deixam de ser tais, quando há reviravoltas políticas). Estar na Cripta dos Heróis é importante, mas não suficiente<sup>3</sup>.

A reconstrução da biografia de Eduardo Mondlane e, sobretudo, da sua biografia intelectual, como na maioria das biografias, apresenta uma questão de agência: até que ponto sua vida determina seu contexto, ou é determinada pelo contexto. Por isso, a pesquisa deter-se-á nos momentos e aspectos que apontam tanto as constrições do contexto quanto os espaços nos quais sua biografia parecer ser também, digamos assim, autoconstruída.

---

<sup>2</sup> Três deles eram casados com mulheres brancas (Fanon, Mondlane e Cabral), dois deles eram falantes de línguas africanas (Mondlane e Lumumba) e outros dois de línguas crioulas (Fanon e Cabral).

<sup>3</sup> Lutas de memória – em torno daquilo que precisa ser lembrado ou esquecido – sempre existiram. Tanto nas sociedades orais, onde por certa gerontocracia a idade avançada assegurava “mais memória” e melhor *ars mnemônica* (a arte de memorizar), como nas sociedades da escrita, onde saber escrever era e ainda é condição essencial para a preservação da parte do passado que se transforma em memória. Lutas de memória acontecem, também, nesta nova nossa era, caracterizada pelo advento, socialização e democratização não somente da política partidária, mas também do texto, hoje sempre mais um hipertexto – tanto na sua produção como no seu aproveitamento, tanto no processo de escrita, como naquele de leitura. A questão é que este tipo de texto, mais democrático e com uma aura mais igualitária, é porém menos autoral e de mais difícil controle. Uma vez publicado, sua autoria e origem tendem a se diluir mais rapidamente do que no texto em papel.

Deixe-me aqui dar uma rápida descrição dos vários momentos na vida de Mondlane. Diria que, não obstante tudo e generalizando um pouco, os anos da escola e da universidade foram, em suma, os anos mais felizes. Ele começa seus estudos superiores na África do Sul, em serviço social, em 1945, depois do primeiro ano consegue, sempre com a ajuda dos contatos com as igrejas presbiterianas e metodistas, passar para o curso de ciências sociais na Universidade do Witwatersrand em Johannesburgo. Em 1948, com o endurecimento da apartheid seu visto não é renovado e ele volta para Maputo. Há indícios de que ele obteve seu diploma continuando os estudos por correspondência. De volta para Maputo em 1949 ele fortalece sua relação, já presente, com a associação dos estudantes moçambicanos. A Pide já se dá conta dele e começa a fichá-lo. Por intermédio da Missão Suíça e com o apoio do governador da província consegue uma bolsa para continuar os estudos em Lisboa, onde fica somente um ano. Nesta cidade, ele se sente cerceado e controlado, o clima intelectual e político não o seduz. Diferente da maioria dos estudantes africanos em Lisboa, ele pouco frequenta as reuniões e os saraus na Casa dos Estudantes do Império, talvez, em comparação com ativistas como Agostinho Neto ou Amílcar Cabral, ele não sentia a necessidade de se “re-africanizar” nestas reuniões nas quais se dava quase uma catarse identitária. Sintomaticamente, se um bom grupo dos estudantes da Casa (entre outros, Marcelino dos Santos), alguns anos mais tarde, fugirá para Paris, em uma famosa operação clandestina, Mondlane, sempre com o apoio de seus contatos oriundos da Missão Suíça, consegue escapar de Portugal em outra direção e de forma menos ruidosa. Ele consegue uma bolsa para estudar no Oberlin College no Estado de Ohio. Começa assim em 1951 sua longa temporada nos Estados Unidos.

Esta pesquisa tenciona investigar detalhadamente estes treze anos nos Estados Unidos. Mondlane passa por várias instituições e em todas elas, como já pude constatar na base de depoimentos de pessoas que o conheceram assim como de documentos, deixa (boas) memórias e lembranças: Oberlin College, Northwestern, Boston College, Harvard, Trustship Commission, University of Syracuse. Neste período, ele estreitou grandes amizades: Melville Herskovits, George Simson, Marvin Harris, Ralph Bunche. Amizades e contatos que se tornarão úteis, anos depois, no angariar recursos e apoios para a luta pela independência de Moçambique. Ele realiza pesquisa sobre as atitudes raciais de brancos e negros no Norte e Sul dos Estados Unidos para o mestrado e doutorado, frequenta grupos e eventos associados às igrejas metodistas e presbiteriana e desenvolve um ativismo anticolonial *sui generis* – com muitas entrevistas em TV, jornais e rádio, além de conferências e encontros. Sua estadia em Nova Iorque, para trabalhar nas Nações Unidas, corresponde, quase perfeitamente, com o

momento mágico na luta internacionalista anticolonial: 1960-64. Para Eduardo, estes, por outro lado, são também anos prazerosos, de vida familiar, encontro com amigos e desfrute de uma cidade cosmopolita como Nova Iorque. De fato, para ele, há um momento de grande crescimento em termos de redes de contato, entre 1960 (o ano das independências africanas) e 1964. Anos durante os quais o Brasil move-se de um apoio passivo à política externa de Portugal – que tinha produzido um húmus favorável ao aproveitamento de Gilberto Freyre e sua celebração da bondade do colonialismo português por Salazar nos anos de 1950 – para a NPE (Nova Política Externa) de Jânio Quadros. Logo depois as coisas mudarão e endurecer-se-ão, já a partir de 1963 e do assassinado de J. F. Kennedy e da agudização da guerra fria na África. A Frelimo forma-se nos anos imediatamente depois, dentro de uma grande obra de engenharia social, que foi a formação de um “novo povo” moçambicano. A partir de 1965 quase não há mais ponto de retorno, ou válvulas de escape, e os capitais social e cultural de Mondlane, que tinha contribuído a atrair a atenção internacional em torno da luta pela independência de Moçambique, funciona menos bem, sobretudo para dentro de Moçambique, em termos da relação com a incipiente guerrilha. São os anos mais duros da Guerra Fria. É um período associado também ao golpe no Brasil e na Indonésia, ambos em 1964, à consolidação da ditadura de Mobuto no Zaire em 1965 e ao assassinado de Martin Luther King em Robert Kennedy em 1968<sup>4</sup>. Não obstante esta mudança de ventos, Mondlane insiste em navegar entre vários mundos e ilude-se de poder determinar a política externa da Frelimo, por exemplo, não permitindo a presença de militares estrangeiros na Frelimo – somente de treinadores militares e de forma muito mais discreta do que no MPLA. Em síntese, Eduardo Mondlane se constrói como um líder cosmopolita. Para fora de Moçambique sua formação e trajetória pessoal são um grande bônus, ajudam inclusive na luta para angariar recursos, sobretudo nos anos de 1960-64. Ênfase que “para dentro” o cosmopolitismo e o trânsito internacional de Mondlane funcionava bem menos do que “para fora”: ele foi acusado por vários militantes de “gostar demais de livros”, não ser resoluto nas decisões (um aspecto que até Sergio Vieira aponta), viajar demais, gerenciar recursos demais e, *last but not least*, ter uma mulher branca e americana (e bastante ativa na cena política).

Em suma, a vida de Mondlane parece ter acontecido em um campo de tensão entre projetos individuais e missão, desejo de ter uma boa vida (sobretudo como intelectual) e sentido do dever, a sensação de poder ser a pessoa que pode mudar o rumo do teu país, mas

---

<sup>4</sup> Vale a pena acrescentar que Mondlane foi chamado a substituir Luther King para dar a fala de abertura na Conferência Mundial das Igrejas em 1969, não chegando a ir porque ele próprio foi assassinado. Para ministrar esta conferência foi escolhido Oliver Tambo, presidente da ANC (African National Congress).

também de dever se sacrificar para o mesmo. Na sua trajetória há contingências e escolha, constrictões e oportunidades, em um contínuo confrontar-se com as injustiças, em primeiro lugar de cunho racial. Aqui preciso abrir um parêntese. Frequente tem se lido que Mondlane seria pouco interessado nas narrativas associadas à negritude e seria, ademais, um a-racialista. Parece que, efetivamente, sua relação com a noção de negritude era bastante discreta e que ele não achava que as identidades raciais tinham que ser exacerbadas no processo de emancipação de um novo país como Moçambique. Isto, porém, não quer dizer que ele fosse “colour blind” – que não percebesse as hierarquias e discriminações de cunho racial. Uma primeira análise dos documentos e depoimentos que achei nos arquivos referentes aos anos de 1964-69 indica que ele amadureceu um discurso sobre as hierarquias raciais, como fator de desumanização, mas nunca acreditou no essencialismo estratégico, no uso político e radical de categorias raciais. Nisto Mondlane diferencia-se de outros líderes africanos, inclusive seu contemporâneo Frantz Fanon com o qual chegou ter contato – embora se trate de um encontro que minha pesquisa precisará investigar. No processo de criação e de consolidação da Frelimo a questão da cor sempre existiu – como era óbvio que acontecesse. Em boa parte graças ao esforço de Mondlane, dentro do movimento a questão racial nunca chegou ser celebrada ou exacerbada – pelo menos até 1969. Mondlane nunca se deixou tomar pela doxa. Por isso, considero-o um “herói do meio”: uma figura que não procurava o clamor da multidão para justificar as próprias ações.

Uma das perguntas chaves desta pesquisa é em quais aspectos Mondlane, se comparado com os outros importantes líderes africanos de sua época, foi, por assim dizer, canônico ou, ao contrário, inovador. Logo podem ser evidenciadas algumas características que o diferenciam dos outros líderes das ex-colônias portuguesas: ele é o único que se formou – basicamente – nos Estados Unidos, mantém uma relação menos unívoca com a língua portuguesa<sup>5</sup>, desenvolve e alimenta uma rede de contatos provavelmente mais diversa e certamente mais acadêmica. Mondlane, ademais, mantém-se interessado nas ciências sociais até o final, e recebia e lia muitos livros<sup>6</sup>, até se correspondia com pesquisadores e escreveu um par de resenhas a partir de Dar.

Analisando a trajetória de Mondlane, uma primeira consideração que aponta por novas e necessárias pistas de pesquisa é que a história da descolonização de Moçambique, e

---

<sup>5</sup> Mondlane enamora-se de várias línguas durante sua vida, e cada língua determina uma fase da vida dele de forma especial. A língua é para ele um meio, não um fim – de resto, como para a maioria dos moçambicanos. Isto lhe permite navegar melhor em certas águas sociopolíticas mais que em outras.

<sup>6</sup> Esta sua paixão pelos livros era de conhecimento da Pide. Por isso foi morto com uma bomba escondida em um livro. Um homicídio altamente simbólico.

das ideias que se produzem neste processo, não é somente uma história entre Portugal e África. De fato, no caso dos Palop este processo foi ainda mais internacional do que na grande maioria dos países africanos (com a possível exceção da Argélia), por se realizar cerca de dez anos depois de outros países da África, e em plena Guerra Fria – uma época que produziu fortes e novas redes internacionais. Na trajetória de Mondlane aparece um grande número de atores e agentes, de vários países: Estados Unidos, Suíça (Geneva e Lousanne – Conselho Mundial das Igrejas), Brasil (por intermédio de Marvin Harris e Darcy Ribeiro e Pedro Agostinho da Silva), Argélia, Tunísia, China, Rússia (e também Bulgária, România e DDR), Congos, África do Sul, Tanzânia, Gana, Senegal, Egito, Suécia, Holanda, Alemanha, Inglaterra e Itália.

Qual é a atualidade de Eduardo Mondlane? Hoje esta pesquisa tem grande impacto não somente em Moçambique e nos outros países da África onde estão se dando estas lutas de memória, mas também nas próprias ciências sociais, onde há um renovado interesse pela interação entre formação em ciências sociais, lutas anticolonial e construção de uma moderna e nova liderança política, digamos pós-populista, na África contemporânea<sup>7</sup>. Hoje em Moçambique, como em vários outros países africanos, há aquela que podemos chamar de luta de memória, resultado do processo de patrimonialização (que inclui tanto valorização quanto preservação) do passado e da luta. Neste processo, em lugar de se tentar chegar a um novo e mais maduro momento de síntese, que contemple várias narrativas até mesmo contraditórias e antagônicas sobre o passado recente, o esforço parece ser aquele de transformar os vários aspectos da vida de Mondlane em um, por assim dizer, único Mondlane. Dá-se uma simplificação e redução de complexidade da biografia deste pai da pátria, algo que já foi complexo no contexto da luta de libertação, depois da guerra civil e do partido único, é hoje ainda mais absurdo em um contexto de progressiva pluralidade no campo da política. Uma vez que a biografia de Mondlane é patrimonializada, suas narrativas se tornam objetos de preservação e divulgação, q dinâmicas típicas do processo de patrimonialização da cultura intangível: padronização, burocratização, profissionalização e comodificação. Uma biografia pode se tornar assim não somente um monumento, mas até uma *commodity*.

Este projeto de pesquisa apresenta uma série de desafios metodológicos. Além de

---

<sup>7</sup> SCHUMAKER, Lyn. *Africanizing anthropology: fieldwork, networks and the making of cultural knowledge in Central Africa*. Durham; London: Duke University Press, 2001. São estes os grandes temas abordados pela coletânea *The Struggle for Memory in Africa* que estou organizando com Claudio Furtado e pela tese de doutorado publicada em formato de livro sobre a trajetória de John Dube, primeiro presidente da ANC, reverendo e primeiro romancista em língua Zulu que, como Mondlane, se formou no Colégio Metodista de Oberlin, Ohio. BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *As faces de John Dube: memória, história e nação o na África do Sul*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

enfocar a trajetória de Mondlane e as redes que ele cria, concentrando-me nos anos de 1948 a 1969, minha pesquisa tenciona também aprofundar umas questões de políticas da metodologia. Meu desejo é que esta reconstrução de parte da biografia intelectual de Eduardo Mondlane, baseada, sobretudo, em documentos oriundos de arquivos norte-americanos e em fontes secundárias, permita estabelecer um diálogo entre as fontes orais e as reconstruções da biografia de Eduardo Mondlane realizadas a partir de documentos de Moçambique (sobretudo, Arquivo Histórico de Moçambique e Frelimo, mas também vários arquivos pessoais), da Missão Suíça, da Pide, do KGB, da Cia etc. A questão é que biografias de líderes da envergadura e complexidade de Mondlane não podem se constituir em um *business* para detectives individuais, verdadeiras sombras de finados. Em Moçambique é preciso se fazer uma nova sociologia da cripta dos heróis, pela qual seria importante poder acessar, com relativa facilidade, os arquivos da Frelimo referentes aos anos de 1962 a 1969, assim como entrar em sintonia tanto com a nova onda biográfica que o país tem vivenciado na última década (durante a qual tem se publicado dezenas de biografias de ex-combatentes, de todos os lados das frentes de guerra) como com as novas e mais modernas abordagens da política de patrimonialização da cultura imaterial dos últimos anos. Minha opção metodológica é por uma leitura coletiva multissituada e interdisciplinar de documentos, depoimentos, textos e iconografia: biografias como obra coletiva. Uma grande novidade é que as novas tecnologias comunicacionais permitem pensar na reconstrução sócio-histórica de trajetórias complexas e multifacetadas, como aquela de Mondlane, como um exercício de *crowdsharing* e *crowdsourcing* – compartilhando em grupo a análise de documentos por meio de recursos wiki, por exemplo, que permite a mais pessoas comporem, ao mesmo tempo, um (hiper) texto. Desta forma, múltiplos olhares, perspectivas e posicionamentos podem contribuir para novas leituras de um documento. Neste sentido, poderia ser interessante observar os experimentos realizados pelo Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira – [www.museuafrodigital.ufba.br](http://www.museuafrodigital.ufba.br). Estas, ademais, são questões a serem tratadas pela rede de pesquisa sobre biografias complexas, "Beyond the boundaries: science, agency and biographies in transit", coordenada por Patrícia Mattos no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e integrada por vários pesquisadores, para a qual foi recentemente encaminhado um pedido de apoio junto à Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT) de Portugal.<sup>8</sup> Outro recurso em termos de métodos poderá ser tentarmos desenvolver um museu

---

<sup>8</sup> Eis o sumário deste nosso projeto junto a FTC: The aim of this project is to study the complex and reciprocal relationships between anti-colonialist biographical paths (and social movements) and social sciences. This has already been done in the context of other colonial empires, but insufficiently in the Portuguese case. The initial

presencial e também digital sobre a vida e o contexto de Mondlane<sup>9</sup>.

Agora resta ver o que já foi feito. A pesquisa está baseada em dados originais, análise de fontes primárias e a revisão da pesquisa realizada até então sobre alguns aspectos da trajetória de Mondlane<sup>10</sup> e sobre temas limítrofes, como seu envolvimento com a Missão Suíça e as igrejas metodista e presbiteriana<sup>11</sup>. Também analisei algumas, poucas, dissertações teses dedicadas a Mondlane (Matsinhe e Samuel).<sup>12</sup> Para isso, consultei uma grande variedade de arquivos, cada um com suas limitações e política interna. Há, em suma, seis tipos de fontes:

- a) 1948-1960: Correspondência com o missionário suíço Clerc e a missão suíça em geral.
- b) 1950-1969: Correspondência com a esposa de Eduardo Janet Mondlane<sup>13</sup>.

---

hypothesis intends to assess the relationship of both (biographical paths and social sciences) with the end of the Portuguese colonialism. The argument is that their individual agencies and social networks were decisive for the anti-colonial project and to the broadening of knowledge on societies. This project, inspired by the idea of boundary (geographical, colonial, ideological, religious or sociocultural) and its ambiguities, intends to investigate aspects related to colonialism and social sciences namely with anthropology. Despite the focus on the Portuguese context we will broaden this spectrum by collaborating with specialists from other contexts, whose work allows us a compared perspective. We intend to obtain a better knowledge of the Portuguese late colonial period as well as understand the relationship between social sciences, colonialism and anti-colonialism. The team will perform archival research and develop contacts in Portugal, US, Mozambique, Angola and Guinea-Bissau. Despite being focused on anthropology, this project established an interdisciplinary dialogue. This is visible in the theoretical and methodological approach and also in the team's composition, including specialists in history and African studies. Besides, the research is under the scientific supervision of two internationally reputed researchers, a sociologist and a historian. This articulation of perspectives and theoretical backgrounds will be enriching. Finally, because we believe that the reconstruction of biographies, especially the highly complex and often contradictory ones, around which often diverse and even opposing narratives co-exist, ought to be a collective, collaborative, multi-positioned and multidisciplinary endeavour, we plan to develop an experimental digital online platform.

<sup>9</sup> A Fundação Eduardo Mondlane, dirigida pelos filhos do Eduardo com apoio do Estado, criou há alguns anos um museu ao ar livre em Mandjakaze, lugar natal de Mondlane. A Fundação está muito interessada em consolidar a colaboração com a pesquisa aqui apresentada visando à criação de um museu digital como forma de dinamizar o museu presencial. O interesse em criar uma plataforma interativa internacional para a divulgação dos documentos associados a Mondlane existe também na Melville Herskovits Library da Northwestern University e no arquivo do Oberlin College – ambos curadores de boa parte dos documentos associados a Mondlane.

<sup>10</sup> Manghezi analisou a densa correspondência entre Mondlane e sua esposa Janet. MANGHEZI, Nadia. *O meu coração está nas mãos de um negro: uma história de vida de Janet Mondlane*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1999. GRAÇA, Pedro Borges. *O projecto de Eduardo Mondlane*. Lisbon: Instituto Português de Conjuntura Estratégica, 2000; SILVA, Teresa Cruz e; ALEXANDRINO, José. Eduardo Mondlane: pontos para uma periodização da trajetória de um nacionalista 1940-1961. *Estudos Moçambicanos*, n. 9, p. 73-122, 1991; COSSA, José. “Al di là del ‘mito’: un ritratto di Eduardo Chivambo Mondlane negli Stati Uniti d’America”. In: BUSSOTTI, Luca; NGOENHA, Severino (Ed.). *Le grandi figure dell’Africa lusofona*. Udine: Aviani, 2001. p. 43-57; JESUS, Jose Manuel Duarte de. *Eduardo Mondlane: um homem a Abater*. Coimbra: Almedina, 2010.

<sup>11</sup> FARIS, Robert. *Liberating mission in Mozambique: faith and revolution in the life of Eduardo Mondlane*. Cambridge: Lutterworth Press, 2014.

<sup>12</sup> MATSINHE, Cristiano. Biografia e heróis no imaginário nacionalista moçambicano; In: FRY, Peter (Org.). *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 181-224.

<sup>13</sup> Esta foi parcialmente organizada pela Janet e os autores dos dois outros livros que tratam desta correspondência, uma boa parte da qual ainda deve ser publicada. A Fundação Ford chegou a financiar esta publicação assim como a organização do arquivo de Eduardo Mondlane, mas por algum motivo isto ainda não foi feito. Com efeito, Janet Rae Mondlane, como me falou recentemente a filha Nyeleti, ainda está com planos

- c) 1950-1962: Correspondência e documentos nos Estados Unidos (Oberlin College, Northwestern, Harvard, U. of Syracuse, Boston University e Nações Unidas).
- d) 1961-69: Documentos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, sobretudo os arquivos da PIDE e dos Serviços de Segurança<sup>14</sup>.
- e) Os escritos de Mondlane – dissertação de mestrado, tese de doutorados, provas e ensaios no curso de mestrado e doutorado, textos, ensaios, entrevistas, notas autobiográficas.
- f) Publicações sobre Mondlane, sobretudo revistas e matérias de jornal, mas também boletins e panfletos – tanto louvando quanto execrando a figura de Mondlane.

Há muito ainda que me cabe fazer:

- a) Sistematizar os cerca de 5000 documentos já digitalizados no ANTT (em sua grande maioria oriunda da PIDE e dos Serviços de Segurança).
- b) Pesquisar nos arquivos disponíveis em linha sobre os primeiros anos da Frelimo 1963-1970.
- c) Criar uma plataforma colaborativa on-line para a leitura crítica e coletiva de uma série de documentos de difícil interpretação ou para os quais se dão várias possíveis interpretações. Isto será desenvolvido em estreita associação com a lista digital H-LUSO, organizada a partir da University of Michigan at Ann Arbor, com a qual já estou em contato.
- d) Realizar uma missão de pesquisa durante seis semanas em Moçambique com dois objetivos: desenvolver junto à Fundação Mondlane um projeto de museu digital de suporte ao museu ao ar livre por eles gerenciado em Mandjakaze; entrevistar cerca de 20 pessoas que tiveram contato com Eduardo Mondlane ou que têm trabalhado na salvaguarda de sua memória em diferentes âmbitos da sociedade (museus, Ministério da Cultura, universidade, livros de história, monumentos, a própria Frelimo, agências de fomento e tutela do patrimônio como a ARPAC, blogs e imprensa etc.)<sup>15</sup>.

A pesquisa apresentada neste projeto tem despertado interesse dentro e fora de Moçambique, e tem me proporcionado várias parcerias com a Northwestern University (onde Mondlane concluiu o mestrado e o doutorado em ciências sociais), Oberlin College (onde

---

para publicar tudo isso.

<sup>14</sup> A partir de 1961, ano de uma famosa visita pública de Mondlane a Moçambique, depois de 11 anos de vida no exterior, se adensa a documentação sobre Mondlane nos arquivos da PIDE e dos Serviços de Informação. A partir daquela visita – e até seu assassinado – Mondlane se torna uma personalidade pública. Com relação ao período 1940-60 os arquivos da Pide e da polícia certamente devem ter se ocupado de Mondlane. Infelizmente são estes os únicos arquivos de grande porte que nos dias da independência a própria Pide conseguiu destruir completamente.

<sup>15</sup> Para realizar esta missão pedirei o apoio de agências nacionais e internacionais de fomento.

Mondlane se graduou), a University of Syracuse (onde Mondlane deu aula como antropólogo), os United Nations Archives (onde ele trabalhou durante três anos), o ISCTE (pela relevância e proximidade do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e dos arquivos da Pide nele custodiados), a Universidade Eduardo Mondlane (por ser a universidade dedicada a Mondlane e ele ser considerado de fato o primeiro cientista social com doutorado do país) e, por fim, a própria Fundação Eduardo Mondlane em Moçambique (que gerencia um museu ao ar livre sobre a vida de Mondlane na sua cidade natal, Mandjakaze, e mostrou interesse em criar um museu digital que funcione em sinergia com o museu presencial), além de pelo menos duas universidades na África do Sul – University of the Western Cape no Cabo e University of Witwatersrand em Johannesburg.

Embora meu esforço tenha sido abrangente, minha pesquisa não pretende ser conclusiva. Pelo contrário, minha pretensão é mais levantar questões e indagações do que chegar a conclusões definitivas sobre uma trajetória tão interessante, complexa e, por vezes, contraditória. De fato, cada um destes cinco tipos de arquivo ilumina um aspecto particular da trajetória de Mondlane<sup>16</sup>. Neste sentido, há uma pluralidade nos arquivos. Com efeito, se perguntamos qual é o cerne do pensamento de Mondlane, a resposta dependerá largamente de qual é o arquivo que estamos a utilizar. Temos, assim, o arquivo das igrejas, da vida acadêmica, da vida pessoal, da Frelimo, da PIDE, da memória dos amigos e antigos camaradas. Haverá certamente outros. Frente a estas pluralidade e diversidade – que mostram o desenrolar da vida de um homem complexo e progressivamente mais maduro, mas também mais duro e realista – e, de alguma forma, em contraposição a elas, existe aquele Mondlane construído postumamente como herói nacional em um projeto de monumentalização de sua biografia. Neste processo de transformação de Mondlane em herói e símbolo da nova nação o Estado e outros agentes tanto retomam parte das práticas pelas quais o estado colonial criava seus símbolos, naquele que foi chamado de *colonial memorial complex*<sup>17</sup>, como criam novos instrumentos e discursos que salientam uma ruptura radical com o passado colonial.

---

<sup>16</sup> Após ter realizado pesquisa nos arquivos nos Estados Unidos, Suíça e Portugal, preciso realizar pesquisa em arquivos e fazer entrevistas em Moçambique e África do Sul sobre a vida de Eduardo Mondlane, com ênfase em seu trânsito pelas ciências sociais durante os 13 anos que residiu nos Estados Unidos e os últimos anos de sua vida, de 1964 a 1969 quando sua base foi Dar es Salaam. Esta última fase da pesquisa quer iluminar como as ideias criadas na fase precedente de nossa pesquisa que corresponde à década de 1940 (Africanismos, negritude) tiveram impactos nos processos decorrentes da descolonização da África, e, concretamente, na vida de um importante líder, Mondlane, que tinha sido orientado em seu mestrado e doutorado por Herskovits, que manteve um longo intercâmbio com Marvin Harris e que, em um determinado momento, em sua procura de uma “terceira via”, vislumbrou o Brasil (e o CEAO) como o lugar onde pode treinar a futura geração de quadros do Moçambique independente.

<sup>17</sup> WERBNER, Richard. *Memory and the postcolony: African anthropology and the critique of power*. Londres: Zed Books, 1998.

**VERSÃO EM INGLÊS**

***THE CONSTRUCTION OF THE BIOGRAPHY OF AN ANTI-RACIST:*** Social Sciences, Authenticity, Internationalism and memory struggle in the rich and complex life of Eduardo Mondlane

***A CONSTRUÇÃO DA BIOGRAFIA DE UM ANTIRRACISTA:*** Ciências Sociais, Autenticidade, Internacionalismo e luta de memória na rica e complexa vida de Eduardo Mondlane<sup>18</sup>

***LA CONSTRUCCIÓN DE LA BIOGRAFÍA DE UN ANTIRRACISTA:*** Ciencias Sociales, Autenticidad, Internacionalismo y lucha de memoria en la rica y compleja vida de Eduardo Mondlane

LIVIO SANSONE

Bolsista de Produtividade 1B do CNPQ

Doutor em Antropologia (Universidade de Amsterdã). Professor do Departamento de Antropologia (UFBA) Salvador-BA, Brasil  
[liviosansone@yahoo.com](mailto:liviosansone@yahoo.com)

**Abstract:** Conflicts and contradictions in Mondlane's biography anticipate and dramatize several topics of relevant debates in what could be called the struggle for and struggle of memory in Mozambique, that is, the re-reading, this time from various and conflicting points of view, of recent history and memory regimes that have been established. In Mozambique, as in several African countries, these regimes of memories foresee the creation and maintenance of the status of immortality for some central figures in the narrative of the nation. However, being in the Hero's Crypt is important, but not enough. The reconstruction of Eduardo Mondlane's biography and, above all, of his intellectual biography, as in most biographies, presents a question of agency: the extent to which his life determines its context, or is determined by the context. What is the current situation of Eduardo Mondlane? Today, this research has a great impact not only in Mozambique and in other African countries where these struggles are taking place, but also in the social sciences, where there is renewed interest in the interaction between training in the social sciences, anti-colonial struggle and the construction of a modern and new, say, post-populist political leadership in contemporary Africa.

**Keywords:** Eduardo Mondlane. Biography. Anti-racism. Social Sciences. Memory.

**Resumo:** Os conflitos e as contradições na biografia de Mondlane antecipam e dramatizam vários temas de debate de grande atualidade naquela que poderia ser chamada de luta pela e luta de memória em Moçambique, isto é, a releitura, desta vez a partir de vários e conflitivos pontos de vista, da história recente e dos regimes de memória que se estabeleceram. Em Moçambique, como em vários países africanos, estes regimes de memórias preveem a criação e manutenção do status de imortalidade para algumas figuras centrais na narrativa da nação. Mas estar na Cripta dos Heróis é importante, porém não suficiente. A reconstrução da biografia de Eduardo Mondlane e, sobretudo, da sua biografia intelectual, como na maioria das biografias, apresenta uma questão de agência: até que ponto sua vida determina seu contexto, ou é determinada pelo contexto. Qual é a atualidade de Eduardo Mondlane? Hoje esta pesquisa tem grande impacto não somente em Moçambique e nos outros países da África onde estão se dando estas lutas de memória, mas também nas próprias ciências sociais, onde há um renovado interesse pela interação entre formação em ciências sociais, luta anticolonial e construção de uma moderna e nova liderança política, digamos, pós-populista, na África contemporânea.

**Palavras-chave:** Eduardo Mondlane. Biografia. Antirracismo. Ciências Sociais. Memória.

<sup>18</sup> Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2017 e aprovado para publicação em junho de 2018.

**Resumen:** Los conflictos y las contradicciones en la biografía de Mondlane anticipan y dramatizan varios temas de debate de gran actualidad en la que podría ser llamada de lucha por la y lucha de memoria en Mozambique, es decir, la relectura, esta vez a partir de varios y conflictivos puntos de vista, de la historia reciente y de los regímenes de memoria que se establecieron. En Mozambique, como en varios países africanos, estos regímenes de memorias prevén la creación y mantenimiento del status de inmortalidad para algunas figuras centrales en la narrativa de la nación. Pero estar en la Cripta de los Héroes es importante, mas no suficiente. La reconstrucción de la biografía de Eduardo Mondlane y, sobre todo, de su biografía intelectual, como en la mayoría de las biografías, presenta una cuestión de agencia: hasta qué punto su vida determina su contexto, o es determinada por el contexto. ¿Cuál es la actualidad de Eduardo Mondlane? Hoy esta investigación tiene gran impacto no sólo en Mozambique y en los otros países de África donde se están dando estas luchas de memoria, pero también en las propias ciencias sociales, donde hay un renovado interés por la interacción entre formación en ciencias sociales, lucha anticolonial y construcción de un moderno y nuevo liderazgo político, digamos, post-populista, en el África contemporánea.

**Palabras clave:** Eduardo Mondlane. Biografía. Antirracismo. Ciencias Sociales. Memoria.

My interest in Eduardo Mondlane took shape through a classic case of serendipity when I came upon a file about him in the Meville Herskovits Papers at Northwestern University. I knew how important Mondlane had been to the history of independent Mozambique, but I had no idea that he had been one of Herskovits' most cherished pupils and that their families had been in contact for decades, creating and recreating a complex transnational network of contacts, affections and joint interests. There was a number of contact points between the trajectory of Herskovits and Mondlane. My research on Eduardo Chivambo Mondlane (1924-1969), Ph.D. in Anthropology [Partner ] at Northwestern University, professor of anthropology at the University of Syracuse and first president of Frelimo (Mozambique Liberation Front), focuses on [especially during] his 12 years in the United States, between academic life, activism and the United Nations, and the last years of his life between 1964 and 1969, when his base was Dar es Salaam in Tanzania. It shows how relevant the intense biography of an anticolonial and revolutionary leader, and the construction of his original anti-racism, may be the influence of ideas proper to the social sciences concerning the question of race, Africanism and African modernity. This reconstruction of part of Mondlane's biography also throws light on the development of a young Protestant thirsting for social justice who becomes a social scientist and, later, the leader of the struggle for independence in Mozambique. Traditional African education, training in the Swiss mission, masters and doctoral studies in the United States, and employment in the United Nations Trustee Commission help to enrich his personality and make it as enticing as it is complex. The most recent research in the archives of Pide / DGS in the National Archives of Torre do Tombo (ANTT) in Lisbon, held in several short periods

since 2014, reveals other dimensions in Mondlane's life. It was dominated by a strong tension between, on the one hand, cosmopolitanism and the rejection of ethnic-racial identity constructions for the purposes of popularity in the vox populi, and, on the other hand, the need to compensate for this cosmopolitanism, to be seen as a "son of the land", authentically African, expression of a Mozambican nation that was still to be created, but needed icons and models of its new nationality. Mondlane belonged to the generation of forty-year-old activists whose lives, had it not been ruthlessly and prematurely interrupted, might have changed the course of Africa's postcolonial history. His life has to be interpreted in a context of a decade that saw the early disappearance also of Franz Fanon, Patrice Lumumba, EM and Amílcar Cabral. All of them were both nationalists and cosmopolitans.<sup>19</sup>

The conflicts and contradictions in Mondlane's biography anticipate and dramatize several relevant topics of debate in what could be called a struggle for memory in Mozambique - the re-reading, this time from various conflicting points of view, of recent history and memory regimes that have been established. In Mozambique, as in several African countries, these regimes of memories foresee the creation and maintenance of the status of immortality for some central figures in the narrative of the nation. In this process of patrimonialization of the immortals, the central questions are: who are these, how many immortals are they, from when (which part of the life of these people is appropriated by the nation) and until when (there are several immortals that cease to be such when there are political upheavals). Being in the Hero's Crypt is important, but not sufficient.<sup>20</sup>

The reconstruction of Eduardo Mondlane's biography and, above all, of his intellectual biography, as in most biographies, presents a question of agency: to what extent did his life determine its context, or was determined by context. Therefore, the research will focus on the moments and aspects that point to both the constrictions of the context and the spaces in which his biography seems to be, to put it that way, self-constructed.

Allow me give you a brief description of the various moments in Mondlane's life. I would say that, despite everything and generalizing a little, the years of school and

---

<sup>19</sup> Three of them were married to white women (Fanon, Mondlane and Cabral); two were speakers of African languages (Mondlane and Lumumba) and another two of creole languages (Fanon and Cabral).

<sup>20</sup> Memory struggles – around that which needs to be remembered or forgotten – have always existed. Both in oral societies, where by a certain gerontocracy advanced age assured “more memory” and better *ars mnemonica* (art of memorizing), as in written societies, where knowing how to write was and still is an essential condition to preserve a part of our past, which then becomes memory. Memory struggles also take place in this new era of ours, characterized by the advent, socialization and democratization not only of partisan politics, but also of the text, today always a hypertext - both in its production and in its use, both in the writing process and in the reading process. The point is that this type of text, more democratic and with a more egalitarian aura, is, however, less authoritarian and more difficult to control. Once published, its authorship and origin tend to dilute more rapidly than in paper text.

university were, in short, the happiest years. He began his studies, in social work, in 1945 in South Africa. After the first year, he was able, with the help of contacts with the Presbyterian and Methodist churches, to attend the social sciences course at the University of the Witwatersrand in Johannesburg. In 1948, with the hardening of apartheid, his visa was not renewed and he returns to Maputo. There are indications that he obtained his degree by continuing his studies by correspondence. Back in Maputo, in 1949, he strengthens his relationship, already existing, with the association of Mozambican students. Pide is already aware of him and starts to sign him. With the intervention of the Swiss Mission and with the support of the provincial governor, he obtains a scholarship to continue his studies in Lisbon, where he stays for only a year. In that city he feels constrained and controlled, the intellectual and political climate does not seduce him. Unlike most African students in Lisbon, he rarely attends meetings and poetry recitals in the House of Students of the Empire, as, perhaps compared to activists like Agostinho Neto or Amílcar Cabral, he did not feel the need to "re-Africanize" in these meetings in which there was almost an identity catharsis taking place. Symptomatically, if a significant group of students of the House (among others, Marcelino dos Santos), a few years later, will flee to Paris, in a famous clandestine operation, Mondlane, always with the support of his contacts from the Swiss Mission, manages to escape Portugal in another direction and in a less noisy way. He gets a scholarship to study at Oberlin College in Ohio. Thus begins, in 1951, his extended season in the United States.

This research intends to investigate these thirteen years he spent in the United States, in detail. Mondlane goes through several institutions, and in all of them, as I have already seen in the testimony of people who knew him as well as in documents, he leaves (worthy) memories and recollections: Oberlin College, Northwestern, Boston College, Harvard, Trusteeship Commission, and the University of Syracuse. In this period, he got closer to a number of well-positioned scholars, such as Melville Herskovits, George Simson, Marvin Harris and Ralph Bunche. Friendships and contacts that will become useful, years later, in raising resources and support for the struggle for Mozambique's independence. He conducts research on racial attitudes of whites and blacks in the North and South of the United States for his masters and doctoral degrees, attends groups and events associated with the Methodist and Presbyterian churches, and engages in *sui generis* anticolonial activism - with many interviews on TV, newspapers, and on the radio, as well as conferences and meetings. His stay in New York to work at the United Nations corresponds almost perfectly to the enchanted moment in the internationalist anticolonial struggle: 1960-64. For Eduardo, these, on the other hand, are also pleasurable years of family life, meeting with friends and

enjoying a cosmopolitan city like New York. In fact, for him, there is a moment of great growth in terms of contact networks between 1960 (the great year of African independence) and 1964. Years during which Brazil moves from passive support of Portugal's foreign policy - that had produced a humus favorable to the use of Gilberto Freyre and its celebration of the goodness of the Portuguese colonialism by Salazar in the years of 1950 – to the NPE (New Foreign Policy) of Jânio Quadros. Soon things would change and toughen up, starting from 1963 and the assassination of J. F. Kennedy and the exacerbation of the cold war in Africa. Frelimo formed in the years immediately afterward, within a great social engineering work, which was the formation of a Mozambican "new people". Since 1965, there is almost no return point or escape valves, and the social and cultural capital of Mondlane, which had contributed to attracting international attention around the struggle for independence of Mozambique, works less well, especially inwardly of Mozambique, in terms of the relationship with the incipient guerrilla. These are the hardest years of the Cold War. It is also a period associated with the coup in Brazil and Indonesia, both in 1964, the consolidation of the Mobutu dictatorship in Zaire in 1965 and the assassination of Martin Luther King and Robert Kennedy in 1968<sup>21</sup>. Despite this change of winds, Mondlane insists on navigating between various worlds and deludes himself on being able to determine the Frelimo foreign policy, for example, not allowing the presence of foreign military in Frelimo - only military trainers and in a much more discreet way than in the MPLA. In short, Eduardo Mondlane builds himself up as a cosmopolitan leader. Out of Mozambique, his academic training and personal trajectory are a great bonus, even helping in the struggle to raise resources, especially in the years of 1960-64. I emphasize that "inland", such cosmopolitanism and international transit of Mondlane worked much less than "out": he was accused by several militants of "liking books too much", not being resolute in decisions (an aspect that even Sergio Vieira pointed out), of traveling too much, managing too many resources and, last but not least, of being married to Janet Rae, who was white and American (who was and will be for several decades after Mondlane's assassination quite active on the political scene).

In short, Mondlane's life seems to have happened in a field of tension between individual projects and mission, desire to have a good life (especially as an intellectual) and sense of duty, the feeling of being the person who can change the course of your country, but of also having to sacrifice yourself for the same goal. In his trajectory, there are contingencies

---

21 It is worth adding that Mondlane was invited to substitute Luther King to give the opening speech at the World Conference of Churches in 1969, not getting to go because he himself was murdered. Oliver Tambo, president of the ANC (African National Congress), was chosen to minister this conference.

and choice, constrictions and opportunities, in a continuous confronting with injustices, first of all of a racial nature. Here I need to open a parenthesis. Frequently it has been said that Mondlane would be less interested in the narratives associated with blackness and would, moreover, be an a-racialist. It seems that, indeed, his relation to the notion of blackness was rather discreet and that he did not think that racial identities had to be exacerbated in the process of emancipation of a new country like Mozambique. This, however, does not mean that he was "colorblind" - that he did not perceive racial hierarchies and discriminations. An early analysis of the documents and testimonies I found in the archives for the years 1964-69 indicates that he had matured a discourse on racial hierarchies as a factor of dehumanization, but never believed in strategic essentialism, in the radical and political use of racial categories. In this, Mondlane differs from other African leaders, including his contemporary Frantz Fanon with whom he came to have contact - although this is a meeting that my research will need to investigate. In the process of creating and consolidating Frelimo, the question of color always existed - as was obviously the case. Much thanks for Mondlane's effort, within the movement the racial question never was celebrated or exacerbated - at least until 1969. Mondlane never let himself be taken by the doxa. That is why I consider him a "middle hero": a figure who did not seek the outcry of the crowd to justify his actions.

One of the key questions of this research is in what ways Mondlane, when compared to the other important African leaders of his day, was, to put it that way, canonical or, on the contrary, innovative. Some characteristics that differentiate him from the other leaders of the former Portuguese colonies can be easily noticed: he is the only one that studied - essentially - in the United States, maintains a less unambiguous relationship with the Portuguese language,<sup>22</sup> develops and nurtures a network of contacts more diverse and certainly more academic. Mondlane, in addition, remained interested in the social sciences until the end, and received and read many books<sup>23</sup>, even corresponded with researchers and wrote a couple of reviews from Dar.

Analyzing Mondlane's trajectory, a first consideration that points to new and necessary research clues is that the history of the decolonization of Mozambique, and of the ideas produced in this process, is not only a history between Portugal and Africa. Indeed, in the case of the Palop, this process was even more international than in the vast majority of

---

<sup>22</sup> Mondlane falls in love with many languages throughout his life, and each one of them determines a phase of his life in a special way. Language for him is a mean, not an end – as it is for most Mozambicans. This allows him to navigate better in certain sociopolitical waters than others.

<sup>23</sup> This passion for books of his was known to the Pide. For this reason, he was killed by a bomb hidden in a book. A highly symbolic homicide.

African countries (with the possible exception of Algeria), as it was held some ten years after other countries in Africa, and in the middle of the Cold War - a time that produced strong and new international networks. In the course of Mondlane's life one sees a great number of actors and agents, from several countries: United States, Switzerland (Geneva and Lousanne - World Council of Churches), Brazil (through Marvin Harris and Darcy Ribeiro and Pedro Agostinho da Silva), Algeria, Tunisia, China, Russia (as well as Bulgaria, Romania and DDR), Congos, South Africa, Tanzania, Ghana, Senegal, Egypt, Sweden, Holland, Germany, England and Italy.

What is the current situation of Eduardo Mondlane biography? Nowadays this kind of research has a great impact not only in Mozambique and in other African countries where these struggles are taking place, but also in the social sciences, where there is a renewed interest in the interaction between formation in social sciences, anticolonial struggles and the construction of a modern and new political, let's say post-populist, leadership in contemporary Africa (Schumacker 2001).<sup>24</sup> Today in Mozambique, as in many other African countries, there is something that we can call the struggle for memory, a result of the process of patrimonialization (which includes both valorization and preservation) of the past and the struggle for independence. In this process, instead of trying to arrive at a new and more mature moment of synthesis, which includes several even contradictory and antagonistic narratives about the recent past, the effort seems to be that of transforming the various aspects of Mondlane's life into one, so to speak, unique Mondlane. There are a simplification and reduction of the complexity of the biography of this father of the motherland. Something that was already complex in the context of the liberation struggle, after the civil war and the one party rule, is even more absurd today in a context of progressive plurality in the field of politics. Once the Mondlane biography is patrimonialized, its narratives become objects of preservation and dissemination, typical dynamics of the process of patrimonialization of the intangible culture: standardization, bureaucratization, professionalization, and commodification. A biography can thus become not only a monument but also a commodity.

This research project presents a series of methodological challenges. In addition to focusing on Mondlane's trajectory and the networks he creates, concentrating on the years

---

<sup>24</sup> SCHUMAKER, Lyn 2001. *Africanizing Anthropology. Fieldwork, Networks, and the Making of Cultural Knowledge in Central Africa*. Durham and London: Duke University Press. These are the great themes approached by the collection *The Struggle for Memory in Africa*, which I am organizing with Claudio Furtado, and by the doctoral thesis published in book format on the trajectory of John Dube, first president of the ANC, Reverend and first Zulu-speaking novelist who, like Mondlane, graduated from the Methodist College of Oberlin, Ohio. BARROS, Antonio Evaldo Almeida. *As faces de John Dube: Memória, História e Nação o na África do Sul*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

from 1948 to 1969, my research also intends to deepen some questions concerning methodology policies. It is my wish that this reconstruction of part of the intellectual biography of Eduardo Mondlane, based mainly on documents from US archives and secondary sources, will allow a dialogue between the oral sources and the reconstructions of Eduardo Mondlane's biography made from Mozambican documents (mainly Mozambican Historical Archive and Frelimo, but also several personal archives), the Swiss Mission, the Pide, the KGB, the CIA etc. The argument is that biographies of leaders of the scope and complexity of Mondlane cannot constitute a business for individual detectives, true shadows of the dead. In Mozambique it is necessary to make a new sociology of the crypt of the heroes, by which it would be important to be able to access, with relative ease, the Frelimo files referring to the years 1962 to 1969, as well as to be in tune with both the new biographical wave that the country has been experiencing in the last decade (during which dozens of ex-combatant biographies have been published on all sides of the war fronts) and with the new and more modern approaches to the patrimonialization of intangible culture in recent years. My methodological option is for a multi-situated and interdisciplinary collective reading of documents, testimonies, texts, and iconography: biography as a collective work. A great novelty is that the new communication technologies allow us to think about the socio-historical reconstruction of complex and multifaceted trajectories, such as that of Mondlane, as an exercise in crowd sharing and crowdsourcing - sharing with a group the analysis of documents through Wiki Resources, for example, which allows more people to compose, at the same time, a (hyper) text. In a kind of collective authorship multiple looks, perspectives, and positions can contribute to new readings of a document. In this respect, it might be interesting to observe the experiments carried out by the Digital Museum of the African and Afro-Brazilian Memory - [www.museuafrodigital.ufba.br](http://www.museuafrodigital.ufba.br). These are also issues to be addressed by the research network on complex biographies, "Beyond the boundaries: science, agency and biographies in transit", coordinated by Patrícia Mattos at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon and composed of several researchers, for which a request for support was recently submitted to the Portuguese Science and Technology Foundation (FCT)<sup>25</sup>. Another resource in terms of methods may be to try to develop a face-to-face and a

---

<sup>25</sup> Herein is the summary of this project of ours to the FTC: The aim of this project is to study the complex and reciprocal relationships between anti-colonialist biographical paths (and social movements) and social sciences. This has already been done in the context of other colonial empires, but insufficiently in the Portuguese case. The initial hypothesis intends to assess the relationship of both (biographical paths and social sciences) with the end of the Portuguese colonialism. The argument is that their individual agencies and social networks were decisive for the anti-colonial project and to the broadening of knowledge on societies. This project, inspired by the idea of boundary (geographical, colonial, ideological, religious or sociocultural) and its ambiguities, intends

digital museum about the life and context of Mondlane<sup>26</sup>.

Now it is necessary to to teas out what I have already managed to do. My research is based on original data, analysis of primary sources and the review of the research carried out until now on some aspects of the trajectory of Mondlane (Manghezi;<sup>27</sup> Borges Graça;<sup>28</sup> Cruz e Silva e Alexandrino;<sup>29</sup> Cossa;<sup>30</sup> Duarte de Jesus<sup>31</sup>), such as his involvement with the Swiss Mission and the Methodist and Presbyterian churches (Faris)<sup>32</sup>. I have also analyzed a few, not many, thesis dissertations dedicated to Mondlane (Matsinhe and Samuel)<sup>33</sup>. For this, I consulted a wide variety of files, each with its limitations and internal policy. There are, in short, six types of sources:

- g) 1948-1960: Correspondence with the Swiss missionary cleric and the Swiss mission in general
- h) 1950-1969: Correspondence with Eduardo's wife, Janet Mondlane.<sup>34</sup>

---

to investigate aspects related to colonialism and social sciences namely with anthropology. Despite the focus on the Portuguese context we will broaden this spectrum by collaborating with specialists from other contexts, whose work allows us a compared perspective. We intend to obtain a better knowledge of the Portuguese late colonial period as well as understand the relationship between social sciences, colonialism and anti-colonialism. The team will perform archival research and develop contacts in Portugal, US, Mozambique, Angola and Guinea-Bissau. Despite being focused on anthropology, this project established an interdisciplinary dialogue. This is visible in the theoretical and methodological approach and also in the team's composition, including specialists in history and African studies. Besides, the research is under the scientific supervision of two internationally reputed researchers, a sociologist and a historian. This articulation of perspectives and theoretical backgrounds will be enriching. Finally, because we believe that the reconstruction of biographies, especially the highly complex and often contradictory ones, around which often diverse and even opposing narratives co-exist, ought to be a collective, collaborative, multi-positioned and multidisciplinary endeavour, we plan to develop an experimental digital online platform.

<sup>26</sup> The Eduardo Mondlane Foundation, directed by his children with the support of the State, created a few years ago an open-air museum in Mandjakaze, birthplace of Mondlane. The Foundation is very interested in consolidating the collaboration with the research presented here aiming at the creation of a digital museum as a way to dynamize the face-to-face museum. Interest in creating an international interactive platform for disclosure of documents associated with Mondlane also exists in the Melville Herskovits Library of Northwestern University and in the Oberlin College archive - both curators of many of the documents associated with Mondlane.

<sup>27</sup> Manghezi analyzed Mondlane's dense correspondence with his wife Janet. MANGHEZI, Nadia. *O meu coração está nas mãos de um negro. Uma história de vida de Janet Mondlane*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1999.

<sup>28</sup> BORGES GRAÇA, Pedro. *O projecto de Eduardo Mondlane*, Lisbon: Instituto Português de Conjuntura Estratégica, 2000.

<sup>29</sup> CRUZ E SILVA, Teresa; Alexandrino, José. Eduardo Mondlane: Pontos para uma periodização da trajetória de um nacionalista 1940-1961, *Estudos Moçambicanos*, 1991, 9: 73-122.

<sup>30</sup> COSSA, José. "Al di là del "mito": un ritratto di Eduardo Chivambo Mondlane negli Stati Uniti d'America", em Luca Bussotti e Severino Ngoenha (a cura di), *Le grandi figure dell'Africa lusofona*, Udine: Aviani, 2001, p. 43-57.

<sup>31</sup> DUARTE DE JESUS, Jose Manuel. *Eduardo Mondlane. Um Homem a Abater*. Coimbra: Almedina, 2010.

<sup>32</sup> FARIS, Robert. *Liberating Mission in Mozambique: Faith and Revolution in the Life of Eduardo Mondlane*. Cambridge: Lutterworth Press, 2014

<sup>33</sup> MATSINHE, Cristiano. Biografia e heróis no imaginário nacionalista moçambicano; In.: FRY, Peter. (org). *Moçambique. Ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001, p. 181-224.

<sup>34</sup> This one was partially organized by Janet and the authors of two other books that deal with this correspondence, a good part of which is still to be published. The Ford Foundation even funded this publication as well as the organization of the archive of Eduardo Mondlane, but for some reason this has not yet been

- i) 1950-1962: Correspondence and documents in the United States (Oberlin College, Northwestern, Harvard, U. of Syracuse, Boston University, and United Nations).
- j) 1961-69: Documents in the National Archive of the Torre do Tombo in Lisbon, especially the archives of PIDE and the Security Services<sup>35</sup>.
- k) The writings of Mondlane - master's thesis, doctoral thesis, tests and essays in the masters and doctorate courses, texts, essays, interviews, autobiographical notes.
- l) Publications about Mondlane, especially magazines and newspaper articles, but also bulletins and pamphlets - both praising and execrating the figure of Mondlane.

There is still much that I should do:

- e) Systematize the approximately 5000 documents already digitized at the ANTT (mostly from PIDE and the Security Services).
- f) Investigate documents already available online about the early years of Frelimo 1963-1970.
- g) Create an online collaborative platform for the critical and collective reading of a series of documents that are difficult to interpret or for which there are several possible interpretations. This will be developed in close association with the H-LUSO digital list, organized from the University of Michigan at Ann Arbor, with which I am already in contact.
- h) Carry out a research mission for six weeks in Mozambique with two objectives: develop a digital museum project to support the open-air museum they manage in Mandjakaze together with the Mondlane Foundation; and interview about 20 people who have had contact with Eduardo Mondlane or who have worked to safeguard their memory in different spheres of society (museums, Ministry of Culture, university, history books, monuments, Frelimo itself, development agencies and ARPAC, blogs and press etc.)<sup>36</sup>.

The research presented in this project has attracted interest both within and outside Mozambique, and has provided me with several partnerships with Northwestern University (where Mondlane completed his master's and doctorate in social sciences), Oberlin College (where Mondlane graduated), University of Syracuse (where Mondlane lectured as an

---

completed. Indeed, Janet Rae Mondlane, as her daughter Nyeleti told me recently, is still planning to publish all this.

<sup>35</sup> Starting from 1961, the year of a famous public visit of Mondlane to Mozambique after 11 years abroad, the documentation on Mondlane in the files of PIDE and Information Services thickens. From that visit until his murder, Mondlane becomes a public personality. In relation to the period of 1940-60, files from Pide and the police were certainly full of references to Mondlane. Unfortunately, these are the only files of relevance that Pide itself completely destroyed in the days of the independence.

<sup>36</sup> To accomplish this mission I will apply to national and international funding agencies for support.

anthropologist), the United Nations Archives (where he worked for three years), ISCTE (for the relevance and proximity of the National Archive of the Torre do Tombo and of the archives of the Pide that are guarded in it), Eduardo Mondlane University (because it is the main Mozambican university and it is named after Mondlane, who is, in fact, considered the first social scientist with a doctorate in the country), and finally the Eduardo Mondlane Foundation in Mozambique (which manages an open-air museum about Mondlane life in his Mandjakaze, and showed interest in creating a digital museum that works in synergy with the face-to-face museum), as well as at least two universities in South Africa - University of the Western Cape at the Cape and University of the Witwatersrand in Johannesburg.

Although my effort has been comprehensive, my research is not meant to be conclusive. On the contrary, my intention is more to raise questions than to arrive at definitive conclusions on such an interesting, complex and sometimes contradictory trajectory. In fact, each of these five file types illuminates a particular aspect of Mondlane's trajectory.<sup>37</sup> In this sense, there is a plurality in the archives. Indeed, if we ask ourselves what the heart of Mondlane's thinking is, the answer will largely depend on which file we are using. We have, therefore, the archives of the churches, academic life, personal life, Frelimo, PIDE, the memory of friends and old comrades. There will certainly be others. Faced with this plurality and diversity - which show the unfolding of the life of a complex and progressively more mature but also more difficult and realistic man - and, in some way, in opposition to them, one has the fashion that Mondlane was posthumously constructed as a national hero in a project of monumentalization of his biography. In this process of transforming Mondlane into a hero and symbol of the new nation, the state and other agents both take up part of the practices by which the colonial state created its symbols in what was called a colonial memorial complex,<sup>38</sup> and create new instruments and discourses that highlight a radical rupture with the colonial past.

---

<sup>37</sup> After having conducted research in files of the United States, Switzerland and Portugal, I need to do research in archives and do interviews in Mozambique and South Africa on the life of Eduardo Mondlane, with emphasis on his transit through social sciences during the 13 years that he resided in the United States and the last years of his life, from 1964 to 1969, when his base was Dar es Salaam. This last phase of the research wants to illuminate how the ideas created in the preceding phase of our research which corresponds to the 1940s (Africanisms, Negritude) had impacts on the processes resulting from the decolonization of Africa, and concretely on the life of a leading leader, Mondlane, who had been mentored in his master's and doctorate by Herskovits, who had a long exchange with Marvin Harris and who, at a certain point, in his quest for a "third way", considered that Brazil (and, more specifically the Center of Afro and Oriental Studies of the Federal University of Bahia, where I presently work) could be the place where to train the future generation of independent Mozambique cadres.

<sup>38</sup> WERBNER, Richard. *Memory and the postcolony: African anthropology and the critique of power*. Londres: Zed Books, 1998.